

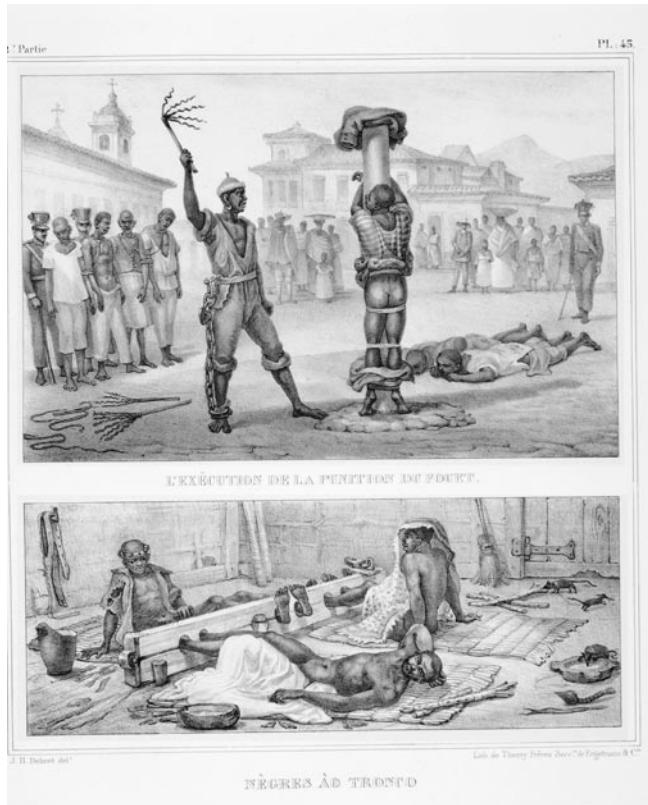
Exposição no Museu do Ipiranga, em São Paulo, reinterpreta o Brasil de Debret sob o olhar de artistas contemporâneos



Gê Viana, *Sentem para jantar*, Série Atualizações traumáticas de Debret, 2021

Foto: Acervo da artista / Cortesia da Lima Galeria

Mostra propõe um diálogo entre as gravuras de Jean-Baptiste Debret e releituras críticas de 20 artistas contemporâneos, entre as quais obras inéditas de Rosana Paulino e Jaime Lauriano



Jean-Baptiste Debret, *L'exécution de la punition du fouet / Nègres à droit* (Aplicação do castigo do açoite / Negros no tronco), 1835

Foto: Acervo Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo

Debret em questão – olhares contemporâneos sugere um diálogo entre a iconografia do Brasil Império, estabelecida pelo artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e sua releitura, quase sempre crítica ou irônica, por parte de 20 artistas contemporâneos. A exposição é um desdobramento do livro *Rever Debret* (Editora 34, 2023), do pesquisador Jacques Leenhardt, que assina a curadoria ao lado de Gabriela Longman. A iniciativa integra a Temporada França-Brasil 2025, que celebra os 200 anos de relações diplomáticas entre os dois países e foi apresentada em versão mais sucinta na *Maison de l'Amérique Latine*, em Paris, entre abril e outubro deste ano. A entrada é gratuita.

A exposição se organiza em duas partes. A primeira apresenta 35 pranchas litográficas provenientes da obra *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, impressa em Paris entre 1834 e 1839. O artista recusa a representação idílica e, em vez disso, assume uma postura quase antropológica, que observa e descreve o cotidiano com minúcia e senso crítico. Na época, o conjunto foi rejeitado pelo governo brasileiro, por retratar a violência da sociedade escravista no Rio de Janeiro, então capital do Império.

Já na segunda parte o visitante encontra as releituras contemporâneas, que retomam essas imagens como campo de disputa simbólica e de reescrita histórica. – *Trabalhos de artistas como Gê Viana, Dalton Paula e Isabel Löfgren & Patricia Goûvea, por exemplo, desarmam a violência vivida para tornar possível a escrita de uma outra história, marcada agora pela autoestima e pelo respeito* – observa Leenhardt.

Segundo o diretor do Museu Paulista da USP, Paulo Garcez Marins, há uma coerência muito grande entre as últimas exposições temporárias realizadas no Museu: – *As exposições buscam interpretar o passado com as perguntas do presente. Essa é, afinal, a característica do pensamento histórico; uma operação intelectual e cognitiva sobre o passado. É o que procuramos fazer ao abordar, por diferentes caminhos, as formas de violência e de resistência que moldaram o Brasil* – declara.

OBRAS INÉDITAS E NOVOS DIÁLOGOS

Entre os destaques estão duas obras inéditas. O artista Jaime Lauriano apresenta a instalação “*Brasil através*



Denilson Baniwa, *Arqueiro digital*, 2017

Foto: Divulgação

do espelho", que aborda temas como etnocídio, apro-
priação cultural e democracia racial, além da série
Justiça e Barbárie, composta por oito fotografias de vi-
olência encontradas nos meios de comunicação – em
especial cenas de linchamento de homens negros, que
circulam na mídia. Ao usar o título de uma das obras
de Debret, Lauriano tensiona o presente e o passado,
questionando o que realmente mudou na dinâmica so-
cial brasileira.

Rosana Paulino, reconhecida por investigar as marcas
deixadas pela escravidão e pelo racismo estrutural,
também participa com a obra inédita "*Paraíso Tropical*".
A obra, um tríptico em técnica mista sobre papel,

aproveita-se de motivos emprestados de Debret, aos
quais associa palavras carregadas do imaginário exótico.
A artista revisita a concepção histórica do Brasil como
um paraíso idílico – imagem que atravessou séculos de
representações – para revelar o outro lado dessa nar-
rativa: um território marcado pelo extrativismo, cuja
fauna e flora foram amplamente exploradas.

A exposição conta, também, com obras de Anna Bella
Geiger, Bruno Weilemann, Cássio Vasconcellos, Claudia
Hersz, Dalton Paula, Denilson Baniwa, Eustáquio Neves,
Gê Viana, Heberth Sobral, Isabel Löfgren & Patricia
Goùvea, Laercio Redondo, Livia Melzi, Sandra Gamarra,
Tiago Gualberto, Tiago Sant'Ana, Val Souza e Valerio

Ricci Montani, em suportes como pintura, fotografia, vídeo, instalação e colagens digitais. Além dessas obras, há uma sala dedicada a um desfile sobre Debret, concebido pela escola Acadêmicos do Salgueiro para o Carnaval de 1959, registrado em imagens pelas lentes do fotógrafo Marcel Gautherot (1910-1996).

A ORIGINALIDADE DO TRABALHO DE DEBRET

Jean-Baptiste Debret chegou ao Brasil em 1816, como integrante da Missão Artística Francesa, na qualidade de pintor da corte luso-portuguesa. Durante os 15 anos que viveu no país, além de atender

a encomendas governamentais que realizava no seu “ateliê da corte”, também criou imagens sobre a diversidade social e política que caracterizava o Rio de Janeiro. Para isso, concebeu o que se poderia chamar de um “ateliê de rua”: o artista permanecia durante longas sessões sentado na calçada – de onde registrava, em cadernos de desenho, o nascimento de uma nação composta por portugueses, por povos indígenas, sistematicamente expulsos de suas terras, e por africanos escravizados. Esse trabalho constitui a parte mais original de sua obra artística realizada no Brasil.

Dalton Paula, *Assentar um naturalista e folhas*, 2019

Foto: Divulgação





Sandra Gamarra, *Naturaleza muerta sobre aldea de canta gallo*, 2019-20
Foto: Filipe Berndt

As aquarelas e gravuras de Debret combinavam uma descrição minuciosa e crítica, que não poupava detalhes de violência, e o protagonismo do trabalho de escravizados africanos no Brasil, tradicionalmente invisibilizados nas representações artísticas do cotidiano. Tanto na França quanto no Brasil, ninguém queria enfrentar a evidência de que a economia dependia deles. As imagens diretas chocavam o público, que preferia

representações exóticas da América, e não o peso do realismo documental. Após um século de quase total esquecimento, a *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* foi traduzida pelo crítico Sérgio Milliet e publicada no Rio de Janeiro, em 1940.

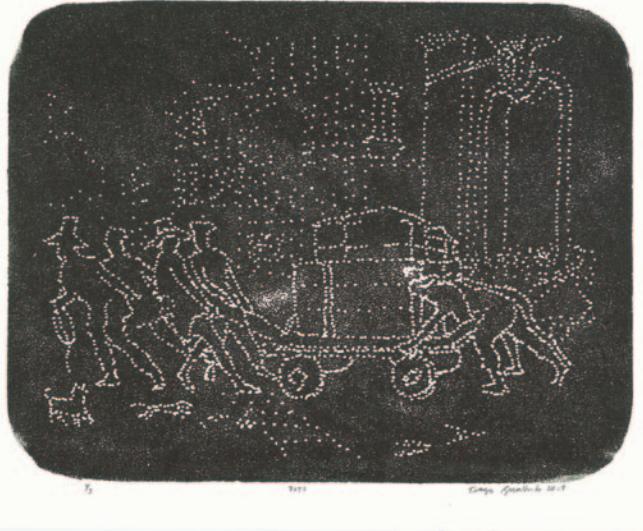
No início do século 21 e com o bicentenário da independência em 2022, os debates sobre brasiliidade e identidade nacional tornaram a ganhar força, então com uma camada adicional: uma nova geração de artistas, muitos de ascendência africana e indígena, ressignificaram essa iconografia, que passou a ser revista, tanto em novas pinturas e gravuras como por meio da internet e de novos meios de circulação maciça de imagens.

Essas apropriações contemporâneas, frequentemente críticas e irônicas, revelam uma nova força na vida social das imagens – e encarnam uma vontade coletiva de imaginar um futuro emancipado de um passado doloroso. Nelas, percebe-se a alegria de questionar a escrita oficial da história e de abrir uma perspectiva crítica e original sobre a consciência em si e dos grupos historicamente marginalizados na trajetória social e política brasileira.

A exposição tem entrada gratuita e está instalada no salão de exposições temporárias, um espaço moderno, acessível e climatizado, com 900m², localizado no piso do jardim.

ACESSO PARA TODOS OS PÚBLICOS

A acessibilidade é parte estruturante do processo curatorial das exposições do Museu do Ipiranga. A equipe



Tiago Gualberto, *Sem título*, Série Dots, 2015 Foto: Divulgação



Bruno Weilemann Belo,
Marqué par une image d'enfance (Marcado por uma imagem de infância),
Série Demérito ao Debret, 2021
Foto: Divulgação

do Educativo desenvolve uma série de recursos que não apenas garantem o acesso, mas ampliam a experiência sensorial e interpretativa de todos os visitantes, com e sem deficiência. Isso inclui recursos mutissensoriais de toques, como dioramas (reproduções tridimensionais de uma obra), essas com placas visutáteis, textos em Braille e alto-relevo, além de legendas em Libras e audiodescrição, que acompanham as instalações de vídeo.

Um dos destaques é a caixa de som que permite sentir a vibração do samba-enredo do Salgueiro, parte sonora de uma das salas dedicadas ao registro, pelo fotógrafo Marcel Gautherot, do desfile da Escola em 1959, em homenagem a Debret.

SOBRE GABRIELA LONGMAN

Curadora, editora e jornalista, é mestre em História da Cultura pela EHESS-Paris e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Trabalha na interseção entre a literatura e as artes visuais; desenvolve projetos para instituições como Sesc-SP, Festa Literária International de Paraty (Flip), Instituto Inhotim, MAM-SP e Museu Judaico. É autora de "Labirintos do Olhar" (ed. Bei, 2017), compilação de ensaios sobre arte urbana em São Paulo.

SOBRE JACQUES LEENHARDT

Sociólogo brasiliense, dedica-se a investigar a criação literária e plástica no Brasil e na América hispânica. Assinou inúmeros ensaios, catálogos e livros, entre os quais *Dans les jardins de Roberto Burle Marx* (Arles, Actes Sud, 1994). Foi curador de diversas exposições, tanto monográficas (sobre Jean-Baptiste Debret, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, entre outras) como coletivas (a exemplo de *Villette-Amazone*, Paris, 1996 e *Arte Frágil, Resistências*, São Paulo, 2009). Estudioso de Debret, foi responsável pelas novas edições francesa e brasileira da *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (*Imprimerie Nationale*, 2014 e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016).

SERVIÇO

Debret em questão – olhares contemporâneos

Até 17 de maio de 2026

Museu do Ipiranga – Sala de exposições temporárias

Rua dos Patriotas, 100, Ipiranga, São Paulo / SP

Dias/Horários: de terça a domingo (incluindo feriados),

das 10h às 17h (última entrada, às 16h)

Entrada gratuita (somente para esta exposição)

museudoipiranga.org.br/visite/